

**DOS NÚMEROS À HISTÓRIA: UM RELATO PESSOAL DE REFUGIADOS DO
NAZISMO NO BRASIL**

**FROM NUMBERS TO HISTORY: A PERSONAL REPORT OF REFUGEES FROM
NAZISM IN BRAZIL**

Luis S. Krausz*

GLASBERG, Rubens. *Os indesejados: uma história de refugiados no tempo do nazismo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2023

A história dos refugiados do nazismo que aportaram no Brasil nos anos 1930 e 1940 tende a ser abordada pelos estudiosos do assunto em trabalhos de caráter genérico, que identificam e descrevem os denominadores comuns de trajetórias individuais e estabelecem, por assim dizer, uma espécie de quadro de referência geral, atentando para as forças sociais e políticas cujos desdobramentos constituem o pano de fundo de todas os percursos pessoais.

Se este método é muito importante para que se compreenda o contexto da época e, especialmente, a ação do Estado brasileiro no período, com sua política de exclusão levada a cabo a partir da promulgação pelo Itamaraty das chamadas “circulares secretas” que, de 1937 em diante, passaram a proibir a concessão de vistos de imigração a judeus, o texto historiográfico muitas vezes acaba adquirindo um tom abstrato, descolado da realidade palpável, como se aspirasse à condição de discurso absoluto que, supostamente, esgotaria a temática.

É inegável que os judeus da Europa compartilharam de um destino coletivo, já delineado pelos estudiosos com bastante clareza. No entanto, a historiografia perde muitas vezes de vista as especificidades e as personalidades daqueles que, participando de um grupo que foi perseguido e assassinado em bloco em suas terras de nascença, tinham, evidentemente, não só suas individualidades mas também seus destinos singulares, determinados sabe-se lá por que forças.

*Professor Livre Docente de Literatura Judaica e Hebraica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

E-mail: <lkrausz@usp.br>.

As histórias pessoais dos refugiados, de cada família e de cada indivíduo, por outro lado, restituem-lhes, por assim dizer, a humanidade. Stálin teria dito que a morte de uma pessoa é uma tragédia, e que a morte de milhares de pessoas é uma estatística. Ao transformarem números em pessoas, os relatos pessoais, ainda que invariavelmente inseridos num contexto histórico e político mais amplo, acrescentam à historiografia relevo e perspectiva.

Há, porém, uma questão crucial que se coloca no caminho desta passagem da estatística para a humanidade: os próprios refugiados frequentemente foram reticentes em falar a seus descendentes de suas experiências traumáticas de perda de nacionalidade e de identidade, de perseguição e de expulsão: tendo conseguido salvar-se do extermínio, desejavam, sobretudo, iniciar nos países nos quais aportaram uma nova existência, tão livre quanto possível dos sofrimentos indizíveis experimentados na Alemanha de Hitler e nos territórios por ele dominados.

Portanto, em muitas famílias, o assunto da fuga da Europa e das peripécias para a chegada a um novo continente acabou por tornar-se uma espécie de tabú, ou foi confinado, por assim dizer, a um discurso cristalizado, frequentemente ocultado e usado só quando necessário, conforme uma fórmula estabelecida, muitas vezes, também, redigida em textos resumidos.

Esta foi, sem dúvida, uma maneira para esconjurar da vida quotidiana os fantasmas de um passado traumático, o que é perfeitamente compreensível, dado o caráter avassalador e horripilante destes acontecimentos. No entanto, com a morte da maior parte dos refugiados desaparecem, também, suas memórias particulares, vinculadas aos acontecimentos daquele período.

Seja como for, uma grande lacuna se abre entre o desejo de esquecer para poder seguir adiante, por um lado, e o dever a memória, tão caro ao judaísmo, por outro. E se os relatos dos sobreviventes frequentemente eram escassos ou reduzidos a um mínimo, houve muitos descendentes de refugiados que se empenharam em preencher este vazio por meio de pesquisas de arquivo, contatos pessoais e fragmentos de memórias pessoais.

É o caso de Rubens Glasberg, paulistano, jornalista, filho de judeus da Áustria e da Alemanha que, ao contrário do que lamentavelmente foi a regra para aqueles que só depois do início da II Guerra Mundial passaram a se empenhar para deixar a Europa, conseguiram chegar ao Brasil de Vargas em 1941, amparados por iniciativas da Igreja Católica, no caso do pai de Glasberg, e da população civil francesa no caso da família de sua mãe.

O livro de Glasberg combina as histórias pessoais de seus avós e de seus pais, tais e quais elas lhe foram transmitidas, e as complementa com pesquisas históricas de fôlego, de maneira que seu texto está na encruzilhada entre o relato memorialístico, o texto historiográfico. Assim,

a biografia familiar de Glasberg detalha, de maneira fluente e sucinta, a política dos nazistas e de seus aliados; a política do governo de Getúlio Vargas ante a questão dos refugiados judeus, mas também as trajetórias pessoais de seus antepassados, arrastados pelo turbilhão da perseguição da aparente estabilidade de uma vida burguesa em Viena e Berlim para um futuro incerto no Brasil.

Além da história pessoal dos pais e avós de Glasberg, narrada com clareza e empatia, e ilustrada por fotografias e documentos de época, estão presentes no livro, por meio de uma história particular, os papéis desempenhados por membros do clero católico, ocupantes de diferentes postos na complexa hierarquia eclesiástica, sob o hitlerismo na Europa. E estes papéis abrangem uma vasta gama de atitudes, que vão desde gestos decididamente heróicos no sentido de amparar os perseguidos, às vezes colocando em risco a própria vida, até uma convivência silenciosa – e às vezes também não tão silenciosa – com os crimes indizíveis perpetrados pelos nazistas e seus colaboradores.

Este é, talvez, o aspecto mais peculiar da história dos antepassados de Glasberg, cujo pai chegou ao Brasil graças à concessão, pelo governo Vargas, de vistos de entrada para “israelitas católicos”, que colocavam estes indivíduos em situação de extrema labilidade sob a proteção da Santa Sé. As autoridades do Vaticano frequentemente fizeram vista grossa ante o fato de que as certidões de batismo portadas pelos beneficiários destes vistos eram, em praticamente todos os casos, providenciadas de última hora, e frequentemente falsas. (O assunto é tratado em profundidade pelo historiador do *Yad Vashem* Avraham Milgram no livro *Os judeus do Vaticano*). Destaca-se, na história do amparo prestado pela Igreja Católica ao pai Glasberg na Itália o frade capuchinho Bento Maria du Bourg d'Iré.

De fato, como em outras instituições na Europa, a Igreja Católica não tomou uma atitude unânime, em bloco: cada membro da hierarquia eclesiástica que se envolvia de alguma maneira com a questão dos refugiados judeus agia de uma maneira diferente, e levado por motivações as mais diversas.

Outro aspecto interessantíssimo e pouco conhecido no Brasil do estudo de Glasberg é a situação dos judeus na França do Marechal Pétain e na França ocupada: mais uma vez, o que se apresenta ao leitor, além de um quadro historiográfico geral, é uma vasta gama de atitudes individuais, que vão do colabracionismo mais fanático de indivíduos e grupos franceses com os algozes dos judeus até a ajuda desinteressada prestada por aqueles que hoje são, em muitos casos, reconhecidos como “Justos entre as Nações” pelo *Yad Vashem*.

A família nuclear vienense da mãe de Glasberg, Elisa Klinger, deixou a Áustria a tempo de escapar ilesa das perseguições selvagens que tiveram lugar logo após o *Anschluss* (a anexação da Áustria pelo III Reich) e acabou passando na França os primeiros anos da guerra, de onde, então, conseguiu seguir viagem para o Brasil.

Misto de crônica familiar, relato histórico e ensaio sobre os contextos políticos europeus e brasileiro à época da *Shoah*, o livro de Glasberg interpreta de maneira analítica e contextualiza num amplo panorama a história particular de seus antepassados, e apresenta os resultados de uma pesquisa de fôlego que, segundo o grande historiador Fábio Koifman, destina-se a “figurar nas estantes junto aos bons livros de história”.